

A leitura do gênero quadrinho e o ensino de variação

Jackson Cícero França Barbosaⁱ
Danielli Cristina de Lima Silvaⁱⁱ

Resumo: Este relato de experiência apresenta o resultado de uma sequência didática aplicada no 7º ano C da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, em Campina Grande, a qual foi realizada visando o desenvolvimento das competências leitoras dos alunos participantes do processo de intervenção didático-pedagógica, através de atividades de leitura, escrita e análise linguística. Após apresentarmos diversificados gêneros para o trabalho com a leitura dos mesmos, para o bojo das discussões, sugerimos aos alunos a leitura do gênero quadrinho objetivando a possibilidade de envolvimento e reflexão a partir da temática abordada – variação linguística. Levando em consideração que o estudo dos gêneros mostra o funcionamento da sociedade (MARCUSCHI, 2007), como também que o papel da escola é impedir a reprodução das desigualdades e dos preconceitos (BORTONI-RICARDO, 2004; PCNEF, 1998), baseamos a estratégia teórico-metodológica no papel (e no reconhecimento deste) dos alunos em situações de interação e no desenvolvimento de competências linguístico-discursivas, uma vez que toda abordagem centra-se em diversas possibilidades de exposição oral dos falantes da língua portuguesa.

Palavras-chave: Relato de experiência. Gênero quadrinho. Variação.

Reading the genre comics and teaching variation

Abstract: This experience report presents the result of a didactic sequence applied in the 7th year C of the State School of Elementary and Middle Education Monte Carmelo, in Campina Grande, which was carried out aiming at the development of the reading skills of the students participating in the intervention process didactic-pedagogical, through activities of reading, writing and linguistic analysis. After presenting different genres for work with their reading, for the core of the discussions, we suggest that students read the genre comics, aiming at the possibility of involvement and reflection based on the theme addressed – linguistic variation. Taking into account that the study of genres shows the functioning of society (MARCUSCHI, 2007), as well as that the role of the school is to prevent the reproduction of inequalities and prejudices (BORTONI-RICARDO, 2004; PCNEF, 1998), we based the strategy theoretical-methodological role (and recognition thereof) of students in interaction situations and in the development of linguistic-discursive skills, since the entire approach is centered on various possibilities for oral presentation by Portuguese speakers.

Keywords: Experience report. Comics. Variation.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional
DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor substituto do Departamento de Letras do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Membro-pesquisador dos grupos TEOSSENO/CNPq/UEPB e GIF/CNPq/UFPB. E-mail: jacksoncfb@gmail.com.

ⁱⁱ Mestra em Linguística pelo PROLING/UFPB. E-mail: imaanacrisdani@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o objetivo de relatar as experiências obtidas nas atividades de intervenção didático-pedagógicas executadas dentro do cronograma de atividades do subprojeto PIBID Letras – Campina Grande, este relato vem espelhar, de maneiras crítica e reflexiva, a realidade vivenciada a partir da execução das sequências didáticas que contemplaram apresentação, mediação e recepção dos textos lidos no curso das aulas/oficinas desenvolvidas no processo de prática de leitura de textos de gêneros que circulam no cotidiano dos alunos participantes.

A falta de conhecimento de (con)textos direcionados às práticas sociais que vinculam os alunos ao uso, leitura e desenvolvimento de competências linguístico-discursivas almeçadas para o reconhecimento de determinados textos, ocasionou na reflexão problemática sobre as competências leitoras (não) adquiridas ao longo do processo de escolarização, justificando a elaboração dos módulos de aulas para uma intervenção direcionada aos problemas identificados. Assim, elaboramos uma Sequência Didática (SD) que contemplasse leitura e interpretação de textos que despertassem o interesse dos alunos envolvidos no processo de intervenção.

De maneira hipotética, concluímos que o trabalho com a leitura ainda é um grande desafio em diversas vivências travadas no cotidiano da sala de aula. Muitas vezes o professor acaba perdendo o estímulo sobre o trabalho com o texto por ocasião da falta de interesse de seus alunos pela leitura.

A utilização de Histórias em Quadrinhos (HQs) na sala de aula é uma estratégia recorrente quando se trata de um trabalho que desperte o interesse dos alunos em ler as narrativas colocadas na disposição de quadros sequenciados. A hibridização do verbal e não-verbal possibilitam uma ampla diversidade de interpretações e leituras que serão desenvolvidas através do contato com o suporte em que o gênero foi composto. Em outras palavras, as histórias em quadrinhos abrangem aspectos riquíssimos da linguagem, como por exemplo, o coloquialismo, as imagens, o texto escrito, o texto visual que demonstra os comportamentos através dos gestos, as mensagens que ficam subentendidas nos diálogos e os aspectos do qual o autor da HQ se apropria para instigar a imaginação do leitor.

Com base no exposto, sugerimos a leitura coletiva de uma HQs do famoso personagem rural do Maurício de Sousa, o Chico Bento. Sem preocuparmos com o ineditismo da abordagem, consideramos esta uma estratégia válida para o alcance do objetivo primordial que é o desenvolvimento de hábitos de leitura. Além disso, considerando a representação escrita do oral nos textos que trazem a fala da personagem, conseguimos chegar a pontos altos de

discussões coletivas, no âmbito da turma, sobre o perfil, mudança, dinamismo e, principalmente, a diversidade da língua portuguesa falada em todo Brasil.

INTERFACES DAS ABORDAGENS: GÊNERO QUADRINHO, ENSINO E A QUESTÃO DA VARIAÇÃO

Todos os procedimentos metodológicos que utilizamos nas atividades pedagógicas de ensino/aprendizagem de língua, como também o que se refere à definição dos objetivos e do objeto de estudo desta atividade foram desenvolvidos com base na concepção sociointeracionista, nada mais porque surge da ênfase social que é dada as realizações ligadas à fala. Assim, propusemos aos alunos leituras que os fizessem refletir sobre o sistema linguísticos que os mesmos utilizam, ressaltando escolhas sêmio-lexicais, modalidades morfossintáticas, fonético-fonológicas que garantem a constituição dos dialetos que surgem em categorias distintas e dinâmicas na constituição de sua língua enquanto atuação social de dois ou mais interlocutores, relacionada às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização (ANTUNES, 2003).

Uma vez que defendemos a língua enquanto prática social, para a qual é variável na forma, em virtude das diferentes funções que se propõe a cumprir e dos diferentes gêneros em que se realiza, oferecemos, dentro das atividades propostas na SD, leitura de textos que convidam os alunos para tais reflexões.

Diante da constatação de uma grave crise no ensino de língua materna, esses trabalhos re-discutem o ensino tradicional e promovem uma reflexão dos caminhos que podem ser trilhados pelos educadores de língua materna que se preocupam com a formação questionadora e crítica de seus alunos.

O fenômeno da variação linguística vem sendo estudado, no Brasil, há décadas e, hoje, já podemos ter acesso a uma gama de informações acerca das variedades linguísticas que coexistem em nosso território. No entanto, há uma escassez de material pedagógico sobre a questão o que dificulta a disseminação desse conhecimento, como atestam as palavras de Angelim e Silva (2007, p. 161):

No Brasil, os estudos sobre a realidade da fala, no entanto, não alcançam a divulgação necessária a torná-los um instrumento pedagógico capaz de interferir nas práticas de ensino de português. Muitos professores, por desconhecerem as pesquisas linguísticas ou o modo de transferir os resultados nelas obtidos a uma efetiva prática em sala de aula, não levam em conta a variação no estudo da língua como fator de comunicação.

Neste aspecto, consideramos primordial relacionar o que Louis-Jean Calvet (2002) reflete, na coadunação destes aspectos, sobre o papel da Sociolinguística que se firma, dentro dessas abordagens, como a própria linguística, devido a sua diretriz que aponta a língua como um fato social¹; a linguística, por sua vez, é uma ciência social.

Essa consideração é intrinsecamente encontrada em algumas teorias que são elucidadas no campo da linguística sob a perspectiva da Sociolinguística. Devemos também considerar a evolução dos meios educacionais e seu empenho em tratar de temáticas que estão em constante transformação. Sobre isso, Bagno (2002) reflete:

A implantação maciça das teorias da linguística nas instituições de ensino superior no Brasil vem provocando, no último meio século, nos modos de encarar o ensino de língua nas escolas de ensino fundamental e média. (...) As contribuições das novas disciplinas surgidas dentro do campo maior da linguística – sociolinguística, psicolinguística, linguística do texto, pragmática linguística, análise da conversação, análise do discurso, etc – ampliaram enormemente objeto mesmo dos estudos da linguagem: o tradicional exame da “língua em si” deixou de ser o foco exclusivo das investigações científicas da linguagem, que têm se lançado cada vez mais na busca da compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem, da relação entre língua e sociedade, as aquisições da língua pela criança, nos processos envolvidos no ensino formal da língua, do controle social exercido pelas ideologias veiculadas no discurso, etc. (BAGNO, 2002, p. 13-14).

Quando observamos no que de fato é direcionado ao ensino de língua materna, surge a preocupação sobre o desaparecimento cotidiano de algumas regras gramaticais, assim, Bagno (2007, p. 52), sob utilização de mecanismos político-pedagógicos no ensino de variação e recepção sociolinguística, reflete sobre a importância da inserção do conceito de vernáculo dentro das definições que competem à Sociolinguística, caracterizando-o como uma importante contribuição para a elaboração de estratégias de ensino.

Associamos os preceitos outrora citados a uma prática que nos leva a “assumir a dimensão interacional da linguagem”, levando em consideração as constantes transformações que são evidenciadas a partir de atividades dialógicas. Com base nisso, Irlandé Antunes (2003, p.42) chama atenção à contribuição teórica, pertinente às discussões pautadas em seu estudo, que obedecem a um núcleo discursivo presente nas

concepções interacionistas, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos. (ANTUNES, 2003, p. 42).

¹ Ideologia marcada pela influência da teoria social de Émile Durkheim (Antonie Meillet, 1965, p. 17, *apud* Calvet, 2002, p. 16).

Os aspectos teóricos supracitados condizem às matrizes exploratórias desse trabalho, mas sem deixarmos de evidenciar que existem outras teorias que dão suporte a esse certame. Pra fecharmos essa construção indiciária das teorias que alçarão nossos estudos, observamos o preceito de que a escola deve estar aberta à pluralidade dos discursos para a efetivação do desenvolvimento da competência comunicativa dos usuários e aprendizes da língua, e essa pluralidade, segundo Travaglia (2009, p. 41), diz respeito às variedades linguísticas.

Paradigmas apresentados, refletimos direcionadamente ao âmbito do cotidiano da sala de aula, quando, porventura, surgem situações em que as desigualdades são instauradas devido a heterogeneidade linguístico-cultural dos indivíduos em processo de aprendizagem. Assim, os PCN transmitem a ideia da função social da escola dentro de um direcionamento conscientizador em relação à discriminação linguística quando afirmam que “frente aos fenômenos das variações, não basta somente uma mudança de atitudes: a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística.” (PCNLP, 1998, p. 82).

Sob auxílio do documento parametrizador, trazemos para a sala de aula, uma HQ que revela, através da escrita, uma variação que se aproxima aos expoentes linguísticos do dialeto rural. Chico Bento, famoso personagem das histórias desenvolvidas na roça, é um recorrente recurso dentro das diversas salas de aulas do nosso país. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 46), “suas historinhas são também um ótimo recurso para despertarmos em nossos alunos a consciência da diversidade sociolinguística”.

Como o quadrinho, ainda, tem o poder de despertar o interesse pela leitura, dessa forma, certificamo-nos de que tal material trouxesse aportes necessários para a instauração da discussão reflexiva nas aulas de intervenção pedagógica. Constatados os elementos que dariam vez ao desenvolvimento da aprendizagem linguística, apresentamos, de forma coletiva, uma história publicada no *site* “Portal da Turma da Mônica” chamada Chico Bento em “O Lobisomem”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO

Como dito em outro momento, as aulas do estágio foram ministradas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, no bairro da Bela vista, nas proximidades da UFCG. Tratou-se das ações propostas no projeto de intervenção traçado para as realizações das atividades previstas no Subprojeto PIBID Letras “Promovendo práticas de leitura e escrita com

textos de gêneros diversos no ensino fundamental”, cujo objetivo primordial fora inserir alunos dentro de práticas de leitura e escrita.

Após o momento de observação das aulas, dentro do período de levantamento de dados para a constituição do *corpus* que serviria para análise diagnóstica, a partir das aulas de leitura de textos, foi constatado que os alunos não identificam características estruturais basilares, tais como função, intenção e suporte, e até mesmo outras, como elenca Kleiman (1992, p. 25), como comunicar; representar; investigar; compreender; e contextualizar, para a compreensão do gênero notícia. Desse modo, em reflexão simbiótica junto ao professor supervisor, para que os alunos fossem, paulatinamente, inseridos nos hábitos de leituras contempladas no entorno do suporte, a primeira ação foi a promoção do contato aluno [leitor] com o texto [revista em quadrinhos] garantindo, assim, de maneira prospectiva, o reconhecimento do suporte, bem como do gênero em potencial.

Com duas aulas de 50 minutos, as aulas foram iniciadas e desenvolvidas. No primeiro encontro, registrado na sequência didática como módulo, foi apresentada a proposta do curso (as aulas ministradas para intervenção) e já neste momento, os alunos encontravam-se envolvidos no que propunha a proposta de intervenção pedagógica que permitia, naquele momento, que os mesmos tivessem contatos com textos e que os lessem, obviamente.

Com a utilização de *slides*, através da ferramenta do *Power point*, objetivando coletar dados oriundos de conhecimentos prévios, apre(ende)ndidos a partir de diversas vivências com base, é claro, com o contato com o suporte em relevo, foram apresentadas, o que seria trabalhado em oito aulas, “amostras” dos textos abordados e as primeiras discussões foram instauradas, e por conseguinte, estimulada a produção de texto oral, como prevê o PCN de Língua Portuguesa:

cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. (BRASIL, 1998, p. 25).

Em cada projeção, eram apresentados textos que constituíram a proposta interventiva, era incentivada a produção oral a respeito da compreensão textual. Os alunos participaram de maneira coletiva e colocaram, inclusive, no bojo das discussões, leituras que destoavam das expectativas apresentadas no contexto de produção para compreensão deles.

Já nesse primeiro momento, sob o prisma dos textos apresentados, como proposta de atividade de compreensão autônoma, os alunos, em grupos, tiveram contatos com textos e produziram, de forma escrita, suas primeiras impressões com relação à leitura dos gêneros estudados.

A LEITURA COLETIVA DO GÊNERO

Trouxemos uma história em quadrinho publicada no *site* da Turma da Mônica intitulada “Chico Bento em: O Lobisomem”. A história foi escolhida porque além de trazer nuances aproximativas do PB rural contrapõe a linguagem da personagem principal com a do seu primo, morador da cidade. Outra questão é a utilização da linguagem veiculada em “Causos” que, geralmente, são exploradas a partir de uma projeção oral.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 45),

O personagem Chico Bento é uma criação muito feliz da equipe de Maurício de Sousa, pois permite que as crianças com antecedentes urbanos se familiarizem com a cultura rural, conhecendo muitas expressões dessa rica cultura que, hoje em dia, tem pouco espaço na literatura e nos meios de comunicação.

Através de *slides* oferecemos a possibilidade de leitura coletiva do quadrinho. Com calma, de forma silenciosa, a princípio, iniciamos a leitura para posteriormente lermos em voz alta, solucionando, assim, as compreensões dispersas de uma leitura não pautada no reconhecimento de elementos linguístico-discursivos.

Levamos em consideração, no desenvolver de tal atividade, a concepção de leitura adotada, por corresponder aos moldes interacionistas, que, segundo Kleiman (1989, p. 65), focaliza o aspecto social da leitura ao mostrar que esta é uma atividade de interação em que a compreensão se processa entre leitor e autor via texto.

É importante também esclarecer que no conceito de leitura dos PCNLP, há outra característica da abordagem cognitivista – a referência às estratégias de leitura que o leitor utiliza no processo da compreensão – conforme constatamos nessa citação:

Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que se utiliza quando se lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (BRASIL, 1998, p. 53).

Reconhecemos que houve uma certa compreensão do texto lido. Risadas, surpresas, inquietações, todas manifestadas a partir do momento de leitura do texto, serviram de elementos apreciativos para esta constatação.

No momento das discussões, a recorrente apreciação por parte dos alunos sobre a forma que Chico Bento veicula sua fala era associada à concepção de erro. A informação interventiva foi lançada a partir da reflexão de Bagno (2001, p. 26):

Quando se trata de língua, só se pode qualificar de erro aquilo que comprometa a comunicação entre os interlocutores. Se uma pessoa disser os meninos tudo veio, ninguém, por mais preconceituoso e tradicionalista que seja vai poder alegar que “não entendeu” o que aquela pessoa quis dizer.

Outrora pontuamos a sugestão dos PCNLP em fazer da escola um espaço de destituição das desigualdades linguísticas, mas essas só se extinguirão quando as de fatores sociais também se encerrarem. No momento da leitura, a apresentação dos quadrinhos abaixo causa indignação por parte dos alunos – o que nos chamou muita atenção, pois tal atitude revelava que intuitivamente já existia neles o sentimento de mudança de posturas que levam à produção de discursos preconceituosos.

Figura 1 – Chico Bento em: *O lobisomem*, excerto 1



Fonte: Sousa (2007).

Anterior a esse momento, seu primo, o Chico Bento, contava as histórias de lobisomem ao seu primo que assegurava não se impressionar e alegava estar com sono. Foi um dos momentos da leitura mais aproveitados nos momentos de reflexão e discussão da temática e interpretação do texto. Sentíamos, com isso, um envolvimento com os aportes para a compreensão de perspectivas sociolinguísticas para a construção do aprendizado de língua dos indivíduos em contexto de aprendizagem.

Indivíduos da cidade não estão alheios à interlocução cultural entre os mesmos e os indivíduos que vivem em contextos rurais. Apresentado reconhecimento das vivências urbanas e/ou rurais, falantes da língua portuguesa sentem-se envolvidos pela compreensão de determinados constituintes linguísticos próprios dos dialetos de cada um, reforçando a noção de plurilinguismo do nosso idioma. Uma das duas partes reconhecerá, um dia, que a outra é um elemento importante dentro da constituição linguística da língua, assim, levamos essa reflexão a partir da amostragem do quadrinho abaixo:

Figura 2 – Chico Bento em: O lobisomem, excerto 2



Copyright © 2007 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: Sousa (2007).

No decorrer da aula, os níveis de participação e envolvimento com as atividades sugeridas foram gradativamente atingindo altos índices, constamos não houve, através dessa abordagem, uma significativa ultrapassagem dos limites da decodificação textual tida, até então, como trato com o texto. Portanto, a noção de leitor proficiente era vislumbrada como um fator a ser conquistado.

Mesmo que de maneira indiciária, conseguimos atingir graus significativos em relação à leitura e compreensão. Através da satisfação, por parte dos alunos, quanto à realização das atividades, às respostas aos estímulos provocados nos momentos de interação, às diversas solicitações para esclarecimento de dúvidas, às perguntas constantes sobre o que tratariam as próximas aulas, serviram de critérios para uma avaliação maciça dos elementos primários que concebem o didatismo que envolveu todo o processo de intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento dessas atividades, tenhamos conseguido atingir um certo nível satisfatório, identificamos que muito ainda deve ser feito para que a maioria das dificuldades

de leitura e escrita diagnosticadas nos momentos de observação e levantamento de informações para elaboração do plano de intervenção didático-pedagógica sejam sanadas. Mesmo assim, não podemos deixar de considerar que grandes avanços foram conquistados em relação ao engajamento e os primeiros indícios de autonomia dos alunos em relação aos momentos de execução e cumprimento das atividades propostas.

Concluimos que o ensino de língua associado a instrumento didáticos que despertem o interesse e motivem a aprendizagem, como também o desenvolvimento de habilidades e competências tanto leitoras quanto escritoras, devem ser trazidos efetivamente para o cotidiano da sala de aula.

É importante que a escola desenvolva um trabalho efetivo de leitura e que isso garanta uma identidade tanto da instituição quanto dos indivíduos que ela forma. O papel do subprojeto, além de oportunizar a experiência docente, é de promover reflexão sobre práticas que estão, ou não, sendo eficazes no ambiente escolar.

Todo processo revela, também, que programas de fomento à aprendizagem de indivíduos em contexto de formação docente auxilia no diálogo entre a teoria e prática, fazendo com que eles se sintam mais envolvidos com a realidade que os espera, possibilitando o surgimento de problemáticas a serem solucionadas com um trabalho de pesquisa e intervenção que objetivem a reversão de quadros críticos em setores da educação básica.

REFERÊNCIAS

ANGELIM, Regina Célia C.; SILVA, Edila Vianna da. Variação, gênero textual e ensino. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 161-172.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

KATO, Mary A. *O aprendizado da leitura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

KLEIMAN, Ângela. *Leitura, ensino e pesquisa*. Campinas, Pontes, 1989.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1992.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MASCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SOUSA, Mauricio de. *Chico Bento: o lobisomem*. 2007. Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/lobisomem/welcome.htm>. Acesso em: 02 abr. 2013.